

## VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE DO CANSAÇO E DO DESEMPENHO: O VILÃO CHAMADO CAPITALISMO

## VIOLENCE IN THE SOCIETY OF FATIGUE AND PERFORMANCE: THE VILLAIN CALLED CAPITALISM

Cristiano De Assis Silva <sup>1</sup>

Bruno Freitas Santos <sup>2</sup>

Willian Lima Santos <sup>3</sup>

### RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar os efeitos desastrosos do capitalismo frente a figura do trabalhador e o tipo de sociedade que vem sendo constituída ao longo dos séculos da humanidade. Visando ainda, fazer uma breve contextualização sobre a presença do capital como mola de exploração e de alienação. Assim, buscou-se verificar quais são as melhores estratégias para amenizar os diversos problemas de ordem física e emocional que afetam o mercado de trabalho. Para a realização do artigo, buscou-se respaldos em autores, que traz à tona essa importante discussão. O tipo de pesquisa que foi adotada é a pesquisa bibliográfica, na qual consiste em uma revisão de literatura, analisando os pontos principais. Assim, conclui que o estudo chegou no ápice da necessidade de um ser humano, visto como um humano e não como uma máquina de trabalho projetada e controlada para o trabalho.

**PALAVRAS-CHAVES:** Humanização; Violência; Sociedade; Cansaço; Desempenho.

### ABSTRACT

The article aims to analyze the disastrous effects of capitalism on the figure of the worker and the type of society that has been formed over the centuries. It also aims to briefly contextualize the presence of capital as a springboard for exploitation and alienation. The aim was to find out what the best strategies are for alleviating the various physical and emotional problems that affect the labor market. In order to write this article, we sought support from authors who bring this important discussion to the fore. The type of research adopted is bibliographical research, which consists of a literature review, analyzing the main points. Thus, it concludes that the study has reached the apex of the need for a human being, seen as a human and not as a work machine designed and controlled for work.

**KEYWORDS:** Humanization; Violence; Society; Tiredness; Performance.

<sup>1</sup> PhD em Ciências da Educação, Doutorado em Ciências da Saúde Coletiva e Mestre em Ciências da Educação pela ACU – Absolute Christian University. **E-MAIL:** cristiano.wc32@gmail.com, **CURRÍCULO LATTES:** lattes.cnpq.br/7723981451094769.

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Educação pela ACU - Absolute Christian University e Professor da rede municipal de ensino (BA). **E-MAIL:** brunofreitas2017@outlook.com.br. **CURRÍCULO LATTES:** lattes.cnpq.br/8624648555654769

<sup>3</sup> Mestrando em Ciência da Educação pela ACU - Absolute Christian University. Docência no Ensino Superior pela faculdade Campos Elisios. Licenciatura em Pedagogia pela FECGS, Graduação em Educação Física pela UNICASTELO. **E-mail:** willian.santos91@etec.sp.gov.br. **CURRÍCULO LATTES:** lattes.cnpq.br/1118114878573520

## INTRODUÇÃO

A reflexão em torno das questões voltadas para mundo do trabalho e para o capitalismo é a pauta de várias discussões, algo que tem sido algo preocupante e ao mesmo tempo necessário em tempos tão sofríveis e difíceis. A exploração e os avanços do sistema capitalista é uma realidade eminente e deve ser buscada as melhores condições de trabalho e de vida humana para todos, que habitam o sub mundo do trabalho, como único refúgio em meio a tantas necessidades e desigualdades sociais.

Reflexão sobre as diferentes realidades dos trabalhadores, que são submetidos as mais diferentes situações de dominação e de manipulação, um grave problema, o que tem tornando um mundo cheio de ofensas, discórdia, intolerância, ódio e violência dentro e fora dos espaços de trabalho.

A humanização dos indivíduos deve ser um processo contínuo, mesmo que as condições de trabalho caminham na contra mão da humanização e contribuindo para desumanização do ser.

Um olhar muito mais crítico para as realidades, que se temos de tanta corrupção, alienação que se concretiza em vários momentos. O processo de conscientização precisa começar desde a infância, para que esse trabalhador seja, muito mais preparado para atuar com maior propriedade para prevenir da violência neuronal e consentida, que ocorre todos os dias de forma silenciosa ou não.

Logicamente, o capital tem efeitos desastrosos, que não se resolve da noite pro dia, os problemas que nos acompanha a séculos, e que hoje se tornaram obstáculos gigantescos para os que, já estão egressos no mercado de trabalho e para aqueles que ainda irão egressar no mercado de trabalho futuramente.

O sistema capitalista é uma antítese que ora impedem os avanços, ora gera a alienação e corrupção. Pautada na escravidão e na dominação torna os homens e as mulheres suas escravas e escravos, com um sonho

utópico de uma liberdade que está muito distante. A transformação de novas ações e intervenções, que sejam reais e concretas para amenizar os impactos do capitalismo.

A transformação social que se almeja conquistar é uma maior e melhor liberdade dentro do mundo do trabalho, e que gere felicidade e satisfação pessoal e profissional. A atividade prática e transformadora é aquela, que se insere num trabalho de educação, que reeduem as consciências dos indivíduos em busca de melhores e de resultados significativos no universo do trabalho e do trabalhador em todas as suas dimensões.

Para se desenvolver ações reais, efetivas requer um trabalho grandioso, que vai muito além de uma teoria e de uma prática isolada e que para se materializar é através de uma série de mediações, que são pequenas sementes regadas pelo otimismo, pelas paciências e pelo amor na arte do ensinar e do educar.

O conhecimento científico precisa ser compatível com a realidade que se tem, pois o ideal para uma transformação social, que se almeja alcançar. O processo de desumanização do sujeito é um grave problema, que requer uma atenção especial, frente aos diferentes contextos da realidade em que estamos inseridos, que apresenta tantas desigualdades e problemas, que requer ações e intervenções na forma de políticas públicas para mudar tais cenários, ou pelo menos apaziguar tais realidades.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem básica e enfoque descritivo, tecendo cunho bibliográfico com relações críticas diante da abordagem da temática.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em pleno século XXI em meio ao imediatismo e um mundo super concorrido surge aqui que os

especialistas chamam de Sociedade do Cansaço, uma nomenclatura que ganhou notoriedade sob o comando do filósofo Han (2017) que traz estudos específicos sobre esse momento de crise e caos social em um sociedade tão conturbada, dominada e cheia de complexidades.

E ao abordar essa temática somos direcionados a discussão da violência neuronal, que afeta milhões de pessoas em todo o mundo das mais diferentes formas. E estudiosos de cada época, desenvolveram teorias e pensamentos distintos para explicar e justificar comportamentos e atitudes da sociedade dentro de cada temporalidade histórica.

Uma época viral, que é uma época da negatividade e do egocentrismo em que, as pessoas passam por um processo de desumanização, que assusta e preocupa diferentes especialistas das diferentes áreas do conhecimento e das ciências da saúde. Sob um olhar geral, estamos diante de uma perspectiva patológica do atual século XXI, que para muitos especialistas e críticos definem como bacteriológico e viral.

Doenças neuronais como a depressão, transtorno do déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL), ou a Síndrome de Burnout (SB) invadiram todos os cenários de uma sociedade complexa e cheia de contradições e complexas.

A sociedade sempre foi temática e pauta de estudos para várias áreas do conhecimento, inclusive descrita por Michel Foucault (1979) que define a sociedade como uma forma de organização coercitiva. Enfatiza ainda, sobre o fenômeno da violência neuronal, que afeta vários indivíduos de diferentes formas e circunstâncias particulares e peculiares.

Uma sociedade repleta de estranheza e que precisa de uma atenção especial para evitar o caos dessa sociedade com tantos empasses. Han (2017) diz que, hoje em dia a sociedade é composta de lugar da alterações, que por sua vez resulta na indiferença e na

estranheza, que por último se concretiza como um tipo de violenta reação.

A violência pode vir sob diferentes formas e intensidades e esse conceito é interpretado por Han (2017) cita Baudrillard que diz que tal violência é a própria transparência do mal. O referido autor diz, que o sistema político e ideológico que temos, fortalece os mecanismos de violência nas suas diferentes formas, sem dá o direito de defesa para os mais fragilizados.

A violência da positividade, neuronal, é resultado da superprodução, do super desempenho, da super comunicação que atualmente com o apoio das TICS teve um crescimento significativo. O esgotamento, a exaustão e o sufocamento da sociedade atual tem formado indivíduos cada vez mais problemáticos e com sintomas preocupantes a curto, médio e longo prazo.

As manifestações de uma violência neuronal, acontecem de diferentes formas. E isso, precisa de atenção e de tratamento específico para amenizar os impactos negativos de sociedade, em que muitos caminham para o caos social e pessoal. Para Bell (1999), é citada a presença de uma “sociedade pós-industrial de auto controle .

A teoria da violência de Baudrillard descreve um cenário preocupante, pois tal processo consiste em uma violência em e a mesma acontece em rede e a mesma acontece de forma virtual, presencial e é também viral, como uma pequena semente do mal, com efeitos desastrosos. E ainda, aborda a questão do estruturalismo para compreender o limite entre o real e a imaginação, que tanto se confundem nas diferentes circunstâncias. Baudrillard (1973) enfatiza o problema do trabalho e a hiper-realidade que tanto nos fere e agride o tempo todo.

A ideia de Baudrillard fala do consumo que extrapola os limites e do valor de uso e do valor de troca. A realidade virtual em que vivemos, a hiper-realidade, estruturada pela informação e pela tecnologia que é tão benéfica e maléfica, impulsionando a super produção e o consumo, que por sua vez gera a dispersão de valores

fundados numa sociedade têm sentidos distorcidos (BAUDRILLARD, 2001).

Para Han (2017) existe a genealogia da violência, um ponto importante em que muitos estudiosos, deveria se aprofundar em tal pauta de estudos, para tentar entender o comportamento e as ações violentas, que acontece em muitos cenários e que na maioria das vezes fica difícil a compreensão de tal ação violenta.

Dentro da violência neuronal apresenta-se uma sociedade permissiva e pacificada, onde os amigos e inimigos podem ser invisíveis, habitando dentro do interior e exterior de cada indivíduo. Numa sociedade de troca e de mercadorias, que seguem a hierarquia da violência e assume a posição da opressão que impulsiona o consumo.

Em a sociedade de consumo de Baudrillard (1970, p. 242-246), critica o pensamento construído sobre o trabalho, e que o mesmo aparece como uma compra e uma venda do nosso tempo de trabalho. E que a sociedade da produção, classifica o trabalho não somente como uma necessidade, mas uma imposição econômico-cultural, que por sua vez se torna um tipo de violência.

Atualmente o modo de ser do indivíduo se enquadra dentro de um perfil de mercado neoliberal, onde se produzem novos corpos dóceis e auto explorativos, o empresariamento de si mesmo, onde consiste num tipo de violência consentida ou não. O lazer é um dever, mas poucos têm esse privilégio de férias ou de tempo livre.

Assim tempo um exército de pessoas condenadas à fadiga da vida laboriosa, dentro de uma sociedade ainda primitiva que ainda é improdutivo no requisito dos valores e dos princípios (JUNG, 2000).

No mundo global que temos sempre irá surgir novas formas de violência, que são imanentes ao sistema capitalista, alienante e alienador que vivemos. A violência neuronal é vista com um terror, um horror, uma estranheza que tornam os indivíduos saturados, excluídos e exaustos sob várias perspectivas, sejam elas

as literais ou as figuradas. A identidade do trabalho, ainda está pautada no ter e não no ser do consumo. O trabalhador que é visto como mais uma vítima passiva do sistema, que força o consumo, a dominação e a exploração em todas as circunstâncias (BAUDRILLARD, 1972).

A violência neuronal é viral, que segue o seu percurso e por onde ela passa deixa rastros e traumas destrutivos, que até poderão cicatrizar, mas que deixará o gosto amargo da dor sentida. E os humanos como seres manipuláveis e domáveis estão reféns desse sistema alienador e alienante, que não dá condições básicas de defesa para aqueles, que estão submetidos a esse sistema. Para Ehrenberg (1998) os sofrimentos psíquicos do capitalismo contemporâneo não é inédito. Sendo imposto aos indivíduos, gerando uma espécie de epidemia atual de depressão que contribui para a formação de uma sociedade simultaneamente depressiva e maníaca.

A violência neuronal não parte do nada, mas ela nasce dentro de outra violência, aqui classificada como sistêmica. Baudrillard (1972) sustentou que o fetichismo da mercadoria é aquela que atribui o valor de troca e o valor de uso. A produção real, do trabalho real, se encontra totalmente esvaziada de afetividade de princípios e de valores.

A sociedade do cansaço é o nome de um ensaio do filósofo sul-coreano Han (2017) que ganhou fama e notoriedade em todo o mundo, sendo discutido em vários cenários para justificar e determinar o comportamento atualmente.

Quando se fala de cansaço várias interpretações podem ser apresentadas. Segundo os conceitos de Han (2017) o cansaço é uma resposta do corpo para o excesso de positividade e cobrança que a sociedade impõe. E elas são gigantescas e na maioria das vezes cruéis, o que pode levar os indivíduos a um super esgotamento físico e emocional, e que poderá afetar diretamente ou indiretamente o indivíduo e todo aqueles, que o cercam.

O espelho da produção de Baudrillard (1973), retrata com perfeição essa realidade que mostra o trabalho como uma mercadoria, permite um controle, uma exploração totalitária do esforço produtivo, que aparece como uma violência consentida ou não (BAUDRILLARD, 1973).

A violência da positividade, está presente dentro da sociedade do cansaço, o que por sua vez é necessário para alimentar o sistema capitalista. Que o tempo todo busca o constante lucro. Para Baudrillard (1981), explica que sociedade do simulacro, da melancolia, o mal transparece no racismo, na xenofobia, no misterioso, no oculto que como consequência final aparece com a morte, como golpe final (BOGARD, 1990).

O título “Sociedade do cansaço retrata um cenário em crise e de esgotamento físico e emocional. Uma sociedade, que impõe limites como uma maestria de violência e de crueldade para os mais fragilizados. Enquanto, o verdadeiro problema é a sedução imposta pelo sistema capitalista que atrai, engana e faz de reféns suas presas (BAUDRILLARD, 1983).

Para muitos a sociedade do cansaço é algo natural, principalmente para aqueles que, já nasceram dentro desse sistema, que pensa e age com naturalidade, frente a todo essa violência que acontece de forma escancarada. Significa, que pensar e produzir tais ideologias de dominação e de dominados é algo normal.

A imersão profunda e viciante no mundo digital, gerou consequências irreversíveis para a sociedade, o que de certa forma contribuiu para a construção desse tipo de sociedade. Lidamos com um mundo mentalmente adoecido, seja ela na forma literal ou figurativa (BAUDRILLARD, 2000).

Um cansaço excessivo e, que com isso, gerou uma série de distúrbios de saúde, como sedentarismo, miopia, transtorno de desvio de atenção, depressão, dismorfia corporal e ansiedade. E tantos outros, que estão surgindo a cada instante, e que tem sido a pauta de vários estudos em todo o mundo. Promover e perpetuar cada vez mais

a “sociedade do cansaço” é o alimento que sustenta de forma exitosa o sistema capitalista (BAUDRILLARD, 1999).

Em tempos caóticos, existe o surgimento de outros tipos de sociedade e que recebem nomes específicos como a “Sociedade de Desempenho”, dos fetiches, da dominação, da manipulação e das aparências. Que é gerados pela cobrança por uma produtividade constante, mesmo sem as devidas condições mínimas para tal proeza.

A “Sociedade de Desempenho” também é composta de auto exploração, permeada de medo, pressão e angústia pelo contexto em que as pessoas estão inseridas. E isso, leva muitos a várias situações de doenças não só do corpo, mas também da mente humana.

A auto exploração é um fenômeno que ocorre em decorrência do hiperconsumo, que é uma busca incessante por multiplicar bens. E nunca, se alcança a satisfação com aquilo que se adquire. E esse cenário, vem se repetindo como um ciclo vicioso em todas as temporalidades históricas. O capitalismo, enquanto um sistema se baseia na busca incessante de acumular capital, ou apenas, a maximização de lucros (GALBRAITH, 1982 e 1988).

O sistema que impõe o tempo todo o modismo, a necessidades e o consumo. Que se relacionar com o valor de uso, de troca e o desejo imposto em nome sempre da quantidade e não da qualidade (LANE, 2002).

A estratégia capitalista é de sempre impulsionar o desempenho acelerado e exploratório no trabalho de forma desumana, para aqueles que não tem nenhuma perspectiva de liberdade e de direitos básicos como o lazer. Assim, a saúde física e mental do trabalhador está em perigo constante, tornando se um agravante no decorrer dos anos de trabalhos exercidos.

Uma sociedade capitalista é aquela, que psicologicamente traz graves problemas e está severamente atrelada na expressão de propaganda de que “tempo é dinheiro”. Assim se observa uma forma clara de produção, super produção e alta exploração para

atender as demandas do mercado que é sempre de gerar e produzir.

Uma condição clássica que é comum dentro de uma sociedade, que gira em torno do trabalho, do sub trabalho e do trabalho desumano e exploratório. E com o processo de terceirização e informalidade no Brasil e no mundo cresce a precarização do trabalho em todos os segmentos econômicos (TAVARES, 2020; ANTUNES, 2020a; CAMPOS, 2018)

É impossível escapar do mundo da produção, materializado na indústria de alta tecnologia que é vivenciado dentro da era da hiper-realidade, das empresas hiper-reais que ver os indivíduos como seres manipuláveis e que estão espalhado em todas as profissões existentes e aquelas, que ainda surgiram (BAUDRILLARD, 1990).

O “burnout” é uma palavra da língua inglesa que pode ser traduzida como “esgotamento”. O burnout ocorre como uma resposta do corpo para as multitarefas – ato de realizar múltiplas atividades ao mesmo tempo, que causa desgaste físico e psíquico. E essa, tem sido a realidade de muitos trabalhadores, que são submetidos aos mandos e desmando de uma sociedade, que impõe e explora seus trabalhadores a horas exaustivas de trabalho respetivo e cansativo, e as vezes sem a devida consciência daquilo, que faz e o valor daquele trabalho ali desenvolvido. O sistema econômico capitalista, movido pelo auto-interesse gera, como externalidade negativa inerente à desigualdade social que afeta milhões de pessoas em todo o planeta (FERREIRA, 2000).

Os desgastes e a enorme perda de energia do cérebro é um ciclo, que se repete todos os dias nas mais diversificadas profissões em todo o mundo. A sociedade de desempenho expressa o modo de viver do indivíduo que, está imerso na lógica autofágica do capitalismo neoliberal, trabalha até sua completa exaustão metabólica em nome de uma rentabilidade profissional, que na maioria das vezes, não lhe deixa escapatória de vida e sim de uma sobrevivida ( COSTANZI,1995).

A Sociedade de Desempenho, se caracteriza por impor uma espécie de sujeição ao trabalhador como, se não houvesse uma própria liberdade. Todos os dias é reforçado no dia a dia a perspectiva de competição de lucratividade e a ideia do mais forte é quem vence.

Nessas condições, os sujeitos são reféns desse sistema, que extrapola todos os seus limites metabólicos em nome das metas produtivas insalubres para enriquecer ainda mais os donos e proprietários o meios de produção. O esgotamento psicofísico do trabalhador é a realidade de muitos, que não conseguem mais produzir e avançar dentro de suas respectivas carreiras profissionais, tendo prejuízos de diversas naturezas e lotando os consultórios e as pranchetas de atendimento especializado para as muitas fobias, traumas e transtornos, que por ns motivos e circunstâncias foram gerados.

Parte desses trabalhadores, que são submetidos todos os dias a um regime de trabalho exagerado, que leva o declínio vital até sua falência completa, a morte fora do tempo, ou seja, precocemente. Nesse percurso alienador a dor é o grito de socorro, que todos os dias dá o seu eco, mesmo no silêncio e na falta de voz, daqueles que não tem mais energia para reivindicar algo ( DIEESE,2020).

Não há, vencedores na jornada continuada do capitalismo neoliberal, pois o mesmo é incorrigível e indestrutível. Edgar Morin (2010, p. 48), fala da “ positividade sem negatividade transforma as coisas humanas em pedras. É o outro rosto da morte” que todos os dias silenciosamente ou não mata a cada milésimo de segundo um pouquinho de cada um de nós, enquanto trabalhadores.

Situações de submissão voluntária ou involuntária acontece todos os dias os mais diversos cenários e realidades. O processo exaustivo e abusivo do universo do trabalho é a vida ou melhor dizendo a sobrevivida de milhares de pessoas em toda a dimensão do planeta terra.

David Le Breton aponta que:

Os tempos mortos desaparecem. E a vida cotidiana é inteiramente colonizada por uma urgência sem fim, que se estende para fora da empresa, não poupando mais nem a vida pessoal nem a familiar (LE BRETON, 2018, p. 62).

A vigília operacional, acontece todos os dias, e isso vem como um ciclo vicioso. A ideia de servo remete a dominação e a exploração e isso vem contextualizado com a fala de Vincent de Gaul:

A cada período de seu desenvolvimento, o indivíduo deve estabelecer uma contabilidade existencial para demonstrar sua empregabilidade. A vida humana deve ser produtiva. A sociedade se torna uma vasta empresa que integra aqueles que lhe são úteis e rejeita os demais (GAULEJAC, 2007, p. 182)

O sujeito da sociedade do desempenho é forçosamente ofertado condições de prisão e alienamento. Uma nova forma de suicídio que é um ritual lento, mas bastante doloroso para o indivíduo, que assume o papel idiotizado em meio ao contexto em que está inserido, mesmo para aqueles que já se encontram anestesiados pelas circunstâncias vividas.

Os esforços humanos, no que se refere as condições de trabalho e de subtrabalho é sempre um regime capitalista explorador e que sustenta a exploração, que vai em passos largos para a morte em várias dimensões. É degradantes, a situação atual que temos frente a exploração e a alienação, que os indivíduos são submetidos aos maus tratos.

Para Byung-Chul Han,

A coação do desempenho força-o a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso da gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir (HAN, 2017, p. 85-86)

A estrutura de uma sociedade do cansaço é a consequência do modelo de um sistema escravizante e alienador. A sociedade do cansaço, forma uma sociedade de zumbis produtivos que estão corroídos no âmago, exauridos sem brilho e sem vida própria.

## A NECESSIDADE DO SONO

A sociedade de desempenho enaltece a alta capacidade operacional de produtividade dos indivíduos. Estabelece um modo de vida que se expressam por um excesso ou tirania da positividade, produzindo sujeitos que sempre busca novos ganhos. Com isso, os indivíduos estão condenados a serem sempre ' multitarefa e constante (auto)produção.

Conforme argumenta Byung-Chul Han,

O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão do desempenho. Vista a partir daqui, a Síndrome de Burnout não expressa o si-mesmo esgotado, mas antes a alma consumida (HAN, 2017, p. 27).

O sono é uma estado metabólico e também ontológico de suma importância para os indivíduos em todas as suas dimensões. E em muitas das nossas realidades temos um cenário com enormes contradições e contrastes.

A qualidade do sono foi afetada de forma direta. E isso, compromete os dias de vida que temos, o que era pra ser um indicador de longevidade se tornou um problema a falta de sono com uma real qualidade. A invasão dos inúmeros dispositivos também são responsáveis por essa perda do sono regenerador e reparador. A sociedade de desempenho é sinônimo de crescimento doentio e entumecido de pessoas com ns problemas e dificuldade dos mais variados tipos e gêneros.

A reconfiguração de uma vida no corre corre, mas horas excessivas a telas e a luz azul é o palco montado para a perda de vários hormônios responsáveis pelo sono. Para Jonathan Crary,

A imensa parte de nossas vidas que passamos dormindo, libertos de um atoleiro de carências simuladas, subsiste como uma das grandes afrontas humanas à voracidade do capitalismo contemporâneo. O sono é uma interrupção sem concessões no roubo de nosso tempo pelo capitalismo (CRARY, 2014, p. 20).

A revolução socioeconômica e tecnológica impacta tais realidades, que os indivíduos adoecem muito mais e com uma velocidade incrível, lotando consultório e ambulatórios das mais diversas especialidades.

O capitalismo neoliberal, gera vários problemas no que se refere a qualidade do sono, de vida e a longevidade também é afetada de forma covarde e cruel de todos os envolvidos diretamente ou indiretamente. Conforme aponta Hans-Georg Gadamer:

“Uma das grandes forças curativas da vida é o fato de, todas as noites obter o sono, que funcionam com o poder curativo, servindo de antídoto para os muitos sofrimentos pesado” (GADAMER, 2016, 143).

O ato de dormir é saúde vital para todos, no entanto essa necessidade, tem sido roubada pelas muitas preocupações do dia a dia e pela carga excessiva de muito trabalho.

A natureza orgânica da sociedade cognitivamente adoecida gera uma série de problemas, que se repercutem em estatísticas e pesquisas das mais diferentes áreas e campos de estudos. Só, se encontra equilíbrio físico e emocional, mediante a um conjunto de ações específicas, como um trabalho digno e uma noite reparadora.

A organização civilizacional dessa sociedade do caos, segue um rumo equivocado, distorcido e desorientado. Os riscos são inevitáveis e estão em todas as partes, sendo necessário uma mudança de estilo, de comportamento e de ideologias para essa geração para as futuras gerações.

O organismo humano não é dispositivo maquinal, ele tem falhas, requer reparos e manutenção a curto, médio e longo prazo. Assim, as vezes o ócio e a preguiça aparecem como um refúgio. A compreensão de que as pessoas são humanas e não meros robôs. Que precisam ser atendida e compreendida. E que há, necessidades inefáveis, inapreensíveis pela logicidade da vida funcional, no qual tem sido o desejo de muitos, que busca a fonte da juventude e da longevidade.

Uma sociedade que apresenta um desenvolvimento civilizacional violento ao primitivismo, pois vive-se como um animal selvagem sempre ansioso e desconfiado em relação aos movimentos do entorno, onde a confiança, a afetividade, a falta de perdão são coisas, que vem desaparecendo ao longo da história da humanidade. “A negação do sono é uma desapropriação violenta do eu por forças externas” (CRARY, 2014, p. 16).

Diz estudos que passamos mais de um 1/3 da vida dormindo e esse tempo desperdiçado é a causa básica do fracasso material, pessoal, espiritual de muitos. A solução para as misérias mundana ,seja elas sociais, culturais ou históricas não se resolvem do dia pra noite. O discurso enfadonho da ideologia de, que tudo vai dar certo e que políticas públicas sociais, vai resolver as problemáticas mundiais em nome de um falso “progresso”, não é mais convincente.

Conforme Ailton Krenak:

O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência. Eles escravizam tanto os outros que agora precisam escravizar a si mesmos (KRENAK, 2022, p. 113).



O sinal de uma sociedade enferma e com vários problemas de diferentes naturezas não possuem remédios e artefatos terapêuticos milagrosos para melhorar sua qualidade de vida enquanto pessoa, trabalhador e cidadão. O trabalhador assalariado, é submetido a uma hierárquica violência, que vem acontecendo ao longo dos anos. O capitalismo se reconfigura dentro desse cenário de exploração e de tantas opressão.

A indústria farmacêutica e a lógica perversa do mercado capitalista tem sido os vilões nesse processo de exploração e de adoecimento da população mundial. Um remédio de propriedade sonífera também é um poderoso aliado para relaxar a parte material dos indivíduos, mas as doenças da alma e do espírito não são tratados com esse tipo de medicação (ANTUNES, 1998).

As doenças cardiovasculares, depressão, ansiedade, neurastenia, dentre outros transtornos psicofísicos são pontes para novas doenças de caráter emocional e intelectual.

Em nome das margens de ampla lucratividade do sistema capitalista os detentores dos meios de produção e seus sócios, visa apenas o enriquecimento e a exploração das populações das grandes massas. Os rendimentos do capital, as taxa do lucro, dos juros sempre falaram mais altos ( MARX, 1979 p. 278, 282).

No contexto da sociedade capitalista os maiores interessados e comprometidos com a violência consentida são os que ocupam a cúpula da pirâmide financeira, que historicamente e culturalmente são especialistas na arte de dominação e de exploração.

os torturadores oficiais das governanças autoritárias violam o sono, a consciência, a ética e a moral dos trabalhadores, que são encurralados nesse labirinto de divisão e segregação do trabalho, que separa privilégios para o trabalho braçal e o intelectual.

O vasto exército laboral do mundo atualmente macha a mesma canção continuamente do cansaço, do estresse e do esgotamento físico e emocional .Uma vez que os cargos mais subalternos ao destinados para as

classes mais vulneráveis, ficando os maiores com os privilégios e regalias .

“Se, por exemplo, a taxa de juros cair e as condições de mercado determinarem a redução [dos preços – CMG] das mercadorias abaixo dos seus preços de custo, o industrial [que utiliza crédito – CMG] pode reduzir o preço da mercadoria sem reduzir a taxa do lucro industrial; ele pode mesmo reduzi-lo [o preço] e obter um lucro industrial maior, o que, no entanto, representaria para aquele que só trabalha com capital próprio, uma queda da taxa de lucro; do lucro bruto” (Marx, 1979, p. 1507).

Para Cioran (2012, p. 15-16), a lucidez da mente humana está comprometida pela prática continua dos centros de torturas, que tem sido o mercado de trabalho atualmente, que usas das mais diversas armas e instrumentos de manobras. As toxinas do capitalismo, se consolida todos os dias a cada instante, e seus escravizados declarados ou não são motivadas pela necessidade de sobrevivência para garantir o alimento da próxima refeição.

O resultado final é o organismo humano deteriorado e uma sociedade corrompida em vários aspectos ( GAULEJAC,2007).A contribuição formidável do capitalismo é a exploração, mas que deve e manter a essência humana e sua grandeza humana. O trabalho sob a égide gerencialista e capitalista é a invasão violenta, que atinge não só o corpo mas todas as estruturas do ser humano. A sociedade de desempenho é marcada pelo princípio de um capitalismo alienante e alienador de uma, satisfação incontrolável do desejo de poder e de dominação.

Podemos afirmar, que o capitalismo neoliberal é uma espécie de fascismo do gozo, que induz o caminho do consumismo e ao processo de esgotamento dos indivíduos. Para Jean Baudrillard:

Somos a cultura da ejaculação precoce. Cada vez mais, qualquer sedução, que é

um processo altamente ritualizado, apaga-se por trás do imperativo sexual naturalizado, por trás da realização imediata e imperativa de um desejo (BAUDRILLARD, 1992, p. 47).

A engrenagem consumista de todo o sistema de produção, se prolifera em nossa realidade como uma rede ou um ciclo vicioso.

Não tem gente mais adulada do que um consumidor. São adulados até a ponto de ficarem imbecis, babando. Então para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra comum de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões (KRENAK, 2020, p. 24-25).

Uma transformação radical da sociedade seria necessário para romper, com essa camisa-de-força, que aliena e segrega os indivíduos. A realidade nos faz compreender que o sistema capitalista é um mundo de castração moral, ética e pessoal dos indivíduos, sem a alternativa de recuperação ou reconstrução desses princípios e valores.

A sociedade de desempenho expõe o estado de dor, seja ela a literal ou a figurada. A anestesia da alienação e da corrupção é praticada todos os dias, e isso gera o sofrimento laboral acumulado ao decorrer de todos os anos de rotina profissional e pessoal todos os dias.

A trágica vida do trabalhador, que é submetido aos mandos e desmandos de um sistema corrompido. Que tonifica as situações de fracassos gerencial, que somente reforça a decepção existencial e risco de frustração (HAN, 2021, p. 78). O corpo é testado ao limite como prova da resiliência individual em uma busca constante de sobrevivência.

A doença, o luto, a fraqueza, a impotência e a depressão são vitrines de uma sociedade comprometida e cheia de problemas alimentadas pelo espírito do

produtivismo e do consumismo neoliberal. Assim, temos uma população que trabalha para sobreviver

Para Byung-Chul Han:

Vivemos para sobreviver. A história da saúde e da mania de otimização são refugos da falta de ser predominante. Tentamos compensar o déficit do ser por meio do prolongamento da vida crua. Desse modo, perdemos toda sensibilidade para a vida intensa. Nós a confundimos com mais produção, desempenho e consumo, que, porém, não representam nada senão formas de sobrevivência (HAN, 2023, p. 93).

O capitalismo tecnocrático compromete a saúde do ser humano, visa apenas capacitá-lo a gerar riqueza para os detentores dos meios de produção e em troca, obter o seu salário, que vem comprometendo a dignidade humana e formando um ciclo de sofrimento ativo e de uma dor, que se manifesta na corporeidade humana, na consciência e na alma dos indivíduos.

A sociedade de desempenho se constitui como um regime econômico-laboral, que seduz a todos deixando no ar uma atmosfera organizacional de trabalho exploratório.

Voluntariamente ou involuntariamente trilha, se para uma morte precoce em uma vida, que foi desde a sua gestação comprometida com o caos. O mercado capitalista nunca se sentirá satisfeito consigo mesmo, sem nenhuma sentimento de culpa ou preconceito e o mesmo continuará exercendo o seu ciclo de exploração e de alienação.

O corpo, a mente e consciência carrega um peso que foi acumulado ao longo dos anos. Na guerra mercadológica vence a lei do mais forte. Assim, cada vez mais aparece um novo candidato a ser submetidos ao projeto capitalista de crescimento, de enriquecimento e de dominação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo evidenciou que a violência é explícita dentro daquilo que foi denominada de sociedade do cansaço e do desempenho, onde um maiores vilões de todos esses efeitos desastrosos é o chamado capitalismo

Onde sempre foi um solo fértil para a exploração e a dominação dos indivíduos, prejudicando o processo de humanização, e impulsionado a desumanização em suas teorias, falas, ações e pensamentos.

A semente da violência sempre crescente nos mais diferentes cenários e realidades, onde não existe de fato uma transformação de sociedade, continuando assim o ciclo de exploração e de dominação, mesmo em épocas consideradas tão difíceis. Um tipo de educação e de uma sociedade reprodutora e alienada dentro dos moldes de um estado corrompido e de um novo estilo perigosos pautada em ideias tão equivocadas e assustadoras e arbitrarias que fere valores, princípios e a dignidade humana.

Uma sociedade de ideologias contraditórias e cheias de complexidades que contribui para mais e mais exploração e alienação dos indivíduos, que por causas de suas necessidades de sobrevivência econômica, se submetem a tais situações.

As dimensões do trabalho humano deveria ser para o bem do ser humano. E não um instrumento de tortura, castigo e sofrimento. Nesse sentido, o novo modelo de estado, de sociedade, de educação e de trabalho não contribuiria mais para a alienação ou exploração e sim para a construção da dignidade humana.

Um mundo sonhado e projetado para a transformação social, aquela que exigia novos olhares, e aquela que possuísse uma visão mais sensível para o mundo do trabalho e para o entendimento de que os humanos não são máquinas, e nem fantoches nas mãos daqueles que detém algum tipo de poder econômico.

Por fim, em resposta ao objetivo proposto, foi possível refletir sobre a temática construindo uma visão esclarecedora sobre o trabalho e nos efeitos desastrosos,

alicerçada na pesquisa e em estudos científicos. Sugerem-se outros estudos dentro da temática em questão, para que sejam aprofundados pontos tão importantes como estes, bem como tantos outros, que fazem parte desse mesmo segmento.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

BAUDRILLARD, J. Le système des objets. Paris: Gallimard, 1968.

BAUDRILLARD, J. O outro por si mesmo. Barcelona: Anagrama, 1997.

BAUDRILLARD, J. Dun fragment lautre, entretiens avec François LYvonnet. Paris: Albin Michel, 2001.

BAUDRILLARD, J. A mudança impossível, Paris: Galilée, 1999.

BAUDRILLARD, Jean. Da Sedução. Trad. de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1992.

BAUDRILLARD, J. O espelho da produção. Paris: Casterman, 1973.

BAUDRILLARD, J. Mots de passe. Paris: Pauvert, 2000.

BEL, Daniel. (1999), O advento da sociedade pós-industrial. Nova York, Basic Books.

BOGARD, W. Fechando o social: o desafio de Baudrillard à sociologia contemporânea. Teoria Sociológica, v. 8, n. 1, pág. 1-15, primavera de 1990.

CIORAN, Emil. Nos cumes do desespero. Trad. de Fernando Klabin. São Paulo: Hedra, 2012.

COSTANZI, Rogério Nagamine. Mercado de trabalho: dinâmico ou estático. Boletim Informações FIPE, São Paulo, abr. 1995.

CRARY, Jonathan. 24/7 – Capitalismo Tardio e os fins do sono. Trad. de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: COSAC NAIFY, 2014.

DIEESE. Que Brasil emergirá da crise do coronavírus? 2020. Boletim de Conjuntura, nº 24. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimdeconjuntura/2020/boletimConjuntura024.html>. Acesso em: 03 maio. 2023. <https://www.dieese.org.br/boletim>.

FERREIRA, Francisco H. G. Os determinantes da desigualdade de renda no Brasil: luta de classes ou heterogeneidade educacional. In: IPEA. Desigualdade e pobreza no Brasil. 2000.

FOUCAULT, Michel. 1979. Microfísica do poder Rio de Janeiro: Graal.

GAULEJAC, Vincent de. Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Trad. de Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.

GALBRAITH, James K. Criados desiguais. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.

JUNG, J. (Org) Le travail. Paris: Flammarion, 2000.

KING, A. Uma crítica da hiper-realidade de Baudrillard: rumo a uma sociologia do pós-modernismo. Filosofia Social Crítica, 24, 47, 1998.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço (2ª edição ampliada). Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. Sociedade Paliativa: a dor hoje. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021.

\_\_\_\_\_. Vita Contemplativa ou sobre a inatividade. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2023.

LANE, R.J. Jean Baudrillard. Londres: Routledge, 2000.

MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Vol. I/1. São Paulo: Abril Cultural. 301 p., 1983.

MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Vol. I/2. São Paulo: Abril Cultural. 1984. 306 p.

MORIN, Edgar. Em busca dos fundamentos perdidos: textos sobre o marxismo. Trad. de Maria Lucia Rodrigues e Salma Tannus. Porto Alegre: Sulina, 2010.